

Mesquita Neto

F. Eugênio de Assis

(da A. E. I. – Associação Espírito Santense de Imprensa)

Antenor Guimarães

(Escôrço Biográfico)

Vitória – Espírito Santo

1967

Índice

PALAVRAS SUPÉRFLUAS

Há obras a que os prefácios devem acompanhar, tornam-se indispensáveis, como que deixam mais inteligíveis, menos difíceis, textos obscuros; mas, no caso presente – Antenor Guimarães -, onde tudo é claro como um dia de verão, pleno de sol: porque assim foram seus dias breves e seus trabalhos todos admiráveis, necessários e úteis -, para que explicação?

Mas acontece que não vamos explicar Antenor Guimarães e sua vida, porque um e outro são de tal modo conhecidos pelo que Vitória e o Espírito Santo têm de mais nobre e mais alto, que seria ocioso fazê-lo.

O que fizemos – e era preciso que assim acontecesse, para conhecimento das novas gerações – foi reunir alguma coisa do que se sabe, através da tradição oral e escrita sobre aquele pirralho de 14 anos e já com proa ou pose de homem, que, em 13 de junho de 1886, acontecia em Vitória, desembarcando do “ Mayrink”, em companhia do tio José Pinto Guimarães, para estudar e trabalhar; e, dessa coleta ou pesquisa, a título de homenagem a um dos maiores vultos do comércio, da indústria, da vida pública, enfim, um servidor amigo, consciente e inteligente, do progresso de Vitória e do Espírito Santo – Antenor Guimarães – fizemos a pequena monografia aqui enfeitada, para, com toda a nossa admiração à vida, à luta e à memória do grande cidadão, oferecê-la à sua família e a seus amigos.

Ao fim deste trabalho, os leitores encontrarão alguns dados sobre Oswald Cruz Guimarães, filho do nosso biografado e, também como este, um nome de gloriosas tradições.

Mesquita Neto

F. Eugênio de Assis

Vitória, março de 1967

NASCIMENTO

Antenor Guimarães nasceu em Niterói, Rio de Janeiro, aos 29 de Fevereiro de 1872, e foram seus pais o Sr. Christovão José Pinto Guimarães e Sra. Joaquina Antonieta de Mattos Guimarães.

Naquele tempo, como acontecia a quase todas as localidades do Brasil, tudo era pequeno, pobre, sem conforto, e Niterói, cidadezinha da província do Rio de Janeiro, tinha uma população de cerca de cinco mil almas, sabendo-se também que a própria capital do País, Rio de Janeiro, possuía pouco mais de cem mil. Ruas estreitas, tortuosas, de calçamento feito com pedras irregulares (ainda não se conhecia o paralelepípedo), colhidos *in natura*, iluminação primitiva, a azeite de peixe (pois que o petróleo somente em 1895 é que principiava a ser explorado), a cidade de Antenor Guimarães era bem o retrato das demais cidades do Brasil.

Teve a infância de todas as crianças da classe média de seu tempo. Semelhantemente, passou pelo sarampo, catapora, caxumba, coqueluche, talvez as maleitas e outras doenças que atacam toda gente, ricos e pobres, brancos e pretos, amarelos, nobres e plebeus, crédulos e incrédulos. Frequentou escolas primárias e, desde cedo, como era costume da época, principiou a trabalhar. Assim, quando menos esperava, os primeiros sinais da juventude vieram encontra-lo procurando ganhar a vida, fazendo qualquer serviço em busca de orientação para vôo mais altos, atividades estáveis, definitivas.

PEQUENO VIAJANTE

Dia 13 de junho de 1886, numa de suas viagens costumeiras, o vapor “*Mayrink*” trouxe, entre outros passageiros, o jovem Antenor Guimarães, que vinha com o coração cheio de esperança e a fabulosa riqueza de seus 14 anos de idade.

Que vinha ele fazer em terra estranha, em meio a desconhecidos?

Trabalhar!

Era um homenzinho, já, pelo desembaraço que demonstrava, pelos gestos viris, decididos, a gravidade da fisionomia, que revelava, de pronto, a personalidade de forte dos caracteres másculos de vontade férrea.

Mas, deixemos que Antenor Guimarães mesmo conte como veio parar aqui e seus começos de vida.

“Pedem-me meus filhos que escreva, de próprio punho, neste livro, a vida de minha casa comercial. Para fazê-lo com precisão, torna-se necessário contar um pouco de meu início de vida nesta cidade, o que faço com a melhor vontade.

Chegando a Vitória no vapor Mayrink, em companhia de meu tio, de saudosa memória, José Pinto Guimarães, um dos maiores negociantes da época, em 13 de junho de 1886, às 18 horas, hospedei-me em sua casa, à rua da Alfândega, número 11.

Tendo vindo para aqui, afim de prosseguir nos estudos e, sendo meio do ano, não quis meu tio matricular-me no Ateneu Provincial. Fez-me cursar a escola particular do professor Meyer. Os exames deveriam ser prestados no Ateneu. E assim o fiz com insucesso, devido ao reclame que o professor Meyer fazia de meus conhecimentos e aproveitamento, apregoando até que nenhum aluno do Ateneu tinha o meu preparo. Isso fez com que ficasse mal visto no Ateneu e, como consequência, fui reprovado em Francês, a matéria que eu mais conhecia. Entrei então para o Ateneu e, entre outras aulas, freqüentava ao do externato Dr. Florêncio Franco Gonçalves. Meus conhecimentos entravam em prova e, desde logo, o externato designou-me para decuriar uma classe, de que faziam parte, entre muitos outros os alunos João Tovar, Cyrillo Tovar, etc...

Chegado do Rio havia 6 meses, fui muito assediado pelos colegas para ensinar-lhes os jogos usuais daquela época, e assim eu chefeiei, desde logo, os

jogos de barra, saltos mortais,, etc. Esses jogos interessavam muito aos colegas, a ponto de haver quase um êxodo das aulas. Foi quando a congregação se reuniu e o diretor, o Exmo. Sr. Professor Aristides Freire, oficiou a meu tio denunciando-me como aluno indisciplinado e perturbador da ordem e do respeito que até então existiam no Ateneu. Magoado com tal queixa, resolvi abandonar os estudos e seguir a carreira comercial.

O TRABALHADOR

Apresentei-me para trabalhar e fui escalado para o armazém. Aí trabalhei algum tempo, sob a firma de Rodrigues Pereira e Cia., da qual eu já era interessado. Sofreu ela grande abalo financeiro e, para não cerrar as portas, teve necessidade de transferi-la a Camuyrano e Cia., notável firma do Rio de Janeiro e Buenos Ayres, que tinha a seu cargo o fornecimento de carne verde à população.

Fui também negociado e fiquei como guarda livros dessa firma, porque já o era dos transferidores. Nesse caráter, ia ao matadouro, em Santo Antônio, diariamente, para assistir ao peso do gado abatido.

Tendo havido uma vaga no escritório da firma, para ali fui transferido e trabalhei sob a chefia do guarda livros José Carlos da Silva.

Na revolta de Custódio José de Melo, o comércio sofreu grande crise financeira e a casa comercial de meu tio, nessa ocasião, encerrou suas atividades”.

Os dados redigidos por Antenor Guimarães, a pedido dos filhos param aí. Mas os biógrafos, estão bem informados sobre tudo o que ele fez e não escreveu, e vão dizelo, através destas páginas para mostrar a utilidade de sua existência nas obras que realizou para o engrandecimento de Vitória e bem estar de sua população.

Pouco tempo depois da chegada; após haver deixado os estudos e o escritório da Camuyrano e Cia., Antenor Guimarães estava negociando em seu nome individualmente e agenciando vapores, sendo o primeiro destes o “ITARARÉ”, de armadores santistas; em seguida, os de Rodrigues Faria, de que se originou a Companhia Comércio e Navegação.

A inteligência e a inclinação do jovem para as atividades comerciais descortinava-lhe horizontes promissores e, com predestinação que, certo, descobria em seu espírito, sentia-se tão bem, assim, que em 27 de junho de 1888, aos 16 anos de idade e a 2 de capixaba, inaugurava a primeira agência de vapores, estiva, cargas e descargas e transportes terrestres, sob a razão social de Guimarães e Silva, de que são sucessores Antenor Guimarães & Cia. Ltda.

Vitória, àquela época, era uma pequena cidade comprimida entre a montanha e o mar; também como Niterói, de população inferior a cinco mil almas; todavia, por um

desses fenômenos que a vida oferece, uma que outra vez, o pequeno fluminense aqui encontrava ambiente propício ao seu desejo imenso de vencer pelo trabalho.

Circunspecto por natureza, sincero e franco em suas relações profissionais e sociais, tornou-se logo alvo de consideração e estima de todos com quem mantinha negócios e amizade.

Ao início de sua carreira comercial – que se prolongou por espaço de 45 anos – Antenor Guimarães à falta de bancos, estabelecimentos que Vitória ainda não possuía, teve por financiadores, sempre que se fazia preciso, seus amigos coronéis Anísio Fernandes Coelho e Antônio Alves de Azevedo.

A primeira casa bancária se instalou em nossa capital , tendo ocorrido por volta de 1909, com uma filial do *Bank of London*. Anos depois, era que o Banco do Brasil se dispunha a abrir sua primeira agência nesta praça.

Atento a todas as conquistas da civilização, Antenor Guimarães procurava o conforto e as vantagens que esta oferecia, e aqui está uma demonstração frissante do asserto: foi o primeiro particular a ter luz elétrica e telefone, em sua residência, nesta cidade.

AS OBRAS

Difícil e impossível eram vocábulos que não existiam para seu conhecimento; ao contrário, o que parecia a muitos difícil e trabalhoso, não passava, para ele, de falta de vontade ou de disposição de realizar. E, desse modo, Antenor Guimarães ia equacionando os problemas cuja solução ele sabia convinável aos interesses do meio e da coletividade.

Nesse pressuposto, na primeira década deste século, estabeleceu um serviço de transporte coletivo, utilizando-se de Vitória e Tilburis, para a Praia do Suá, então preferida pelos banhistas.

Ainda bem não acabava de resolver uma dificuldade, já estava tratando de fazê-lo com outra. Satisfeito com resultado da condução dos banhistas, voltou-se para a questão do transporte entre Vitória e Argolas, a fim de servir aos passageiros das Companhias Leopoldina Railway e Vitória a Minas, para o que celebrou contrato com esta em 25 de fevereiro de 1905 e com aquela em 29 de dezembro de 1910.

Tanto para o transporte marítimo como para o terrestre, possuía uma bem equipada frota de barcos e outra de caminhão.

De uma acuidade extraordinária para tudo que inclinava progresso, ainda não tínhamos estradas intermunicipais para veículos automotores e já ele promovia a venda de carros que então valiam menos de CR\$ 2.500 (precisamente Rs 2:500\$000 – Dois contos e quinhentos mil réis).

Foi o introdutor do Ford no Espírito Santo e, mais tarde, agenciou outras marcas, inclusive Chevrolet, Studbaker, etc.

Para facilitar a população, adquiriu navios pequenos e tinha lanchas, para o transporte de romeiros que ocorriam, em grande número, todos os anos, à festa da Penha, serviço este feito a preços módicos.

Fez várias tentativas para manter navegação pequena de cabotagem, com barcos a vela, como “Carneiro”, escuna “Wulf”, e, mais tarde, o navio “Monte Moreno”.

Mas, enquanto a sorte o favorecia nos serviços de barra a dentro, faltava-lhe relativamente à navegação costeira, como se lê em “*Antenor Guimarães esteve em nossas origens*”, da homenagem de “*O CAFÉ*”. Pelo que desistiu dedicando-se exclusivamente aos serviços portuários.

“Quando a estrada de ferro Vitória a Minas iniciou a construção de sua linha e durante os anos que se seguiam, Antenor Guimarães prestou assinalados serviços a essa empresa.

Cuidou da descarga de todos os seus materiais. Muitas vezes tomou dinheiro emprestado a amigos para socorrer a estrada em suas dificuldades momentâneas. Hospedava, em sua residência, os engenheiros que aqui vinham a serviço da empresa, numa época em que faltavam hotéis convenientes.

Recebia e encaminhava operários que procediam de Ilhéus, Salvador e outros pontos da costa e os encaminhava aos locais de trabalho.

Era tão apreciada sua colaboração, pelo grande Pedro Nolasco, que este, até seus últimos dias de vida, lhe fazia as mais rasgadas referências, exaltando o trabalho realizado com sacrifício e inescedível dedicação.

Quando muitos descreiam da realização da obra, ele era um entusiasta. Mais tarde auxiliou, de todas as formas o corpo de engenheiros americanos especializados, que veio estudar a reforma das linhas, construção do porto de Santa Cruz, etc. E, ainda hoje, um dos engenheiros dessa comissão, James Ginella, mantém com sua família correspondência amistosa.

Os maiores vultos da navegação nacional o tinham como amigo e nada resolviam, com referência ao nosso porto, sem, previamente, consultá-lo. Basta referir as relações cordiais, íntimas mesmo, que sempre manteve com Antônio Martins Laje, Rodrigues Faria, Sérvulo Dourado, Conde Ernesto Pereira Carneiro, Comandante Cantuária Guimarães, Henrique e Jorge Laje, Antônio Ferraz, Mário de Almeida, Comendador Martinelli e muitos outros.

Teve durante sua luta comercial, apenas dois concorrentes respeitáveis, Aristides Navarro e Manoel Pinto de Mesquita.